
CARLOS CARDOSO

Director do Instituto Nacional
de Estudos e Pesquisa
da Guiné-Bissau

Ki-Yang-Yang: uma nova religião dos Balantas?

245

O aparecimento e a rápida expansão, desde meados da década de 80, de um movimento de mulheres balantas envolvidas em práticas médicas de base empírica contra a tradição médico-feitichista, veio pôr em causa as raízes profundas do sistema cultural e político. Segundo o autor o que distingue este movimento doutros movimentos

messiânicos é o facto de ele constituir ao mesmo tempo um movimento que se insurge contra certos valores culturais da sociedade tradicional donde emerge e estar assim essencialmente voltado para uma transformação desta mesma sociedade e menos para uma contestação da sociedade no seu todo.

EM Outubro de 1984 espalhou-se por todo o lado a notícia sobre o aparecimento no sul do país de um grupo de mulheres que decidiu refugiar-se nas matas de Catió. Este grupo era constituído sobretudo por mulheres que, ou eram incapazes de procriar, ou tinham perdido os seus filhos. Tinham como líder uma mulher chamada N'Tombikté, que supostamente recebera uma mensagem do deus N'Ghala. Esta mensagem, entre outras coisas, dizia o seguinte:

I. Introdução

1. As pessoas doentes merecem um tratamento, que deve ser feito com plantas medicinais;
2. Deve-se eliminar todos os feitiços (símbolos feitichistas).

Este movimento transformou-se rapidamente num amplo movimento dos jovens (mulheres e homens) que diziam ser portadores da mensagem de N'Ghala e adeptos do Ki-Yang-Yang, que, na língua balanta, significa *sombra*. O Ki-Yang-Yang passou a constituir uma ameaça séria à

prática religiosa dos Balantas, na medida em que, através dos princípios que postula, põe em causa todo um conjunto de rituais até aqui seguidos por este grupo étnico.

Muitas interpretações foram avançadas no sentido de caracterizar este movimento, mas até à data actual desconhece-se um estudo sistemático que se tivesse ocupado do assunto. As condições para tal não parecem igualmente favoráveis, dada a vaga de perseguições que o governo estimulou contra os membros desta seita, tornando assim qualquer pesquisa sobre o assunto incómoda ao poder político. Ora, o estudo sistemático desta seita tornava-se possível só através de uma observação prolongada da mesma nas aldeias onde os seus membros se refugiaram.

Através de contactos pessoais foi-nos possível seguir mais de perto a evolução do movimento numa das aldeias, perto de Mansoa, denominada N'Tchan.

Com os trabalhos de terreno que realizámos pensamos não ter penetrado ainda a fundo no movimento, mas cremos ter reunido algum material que pode constituir uma boa base para a sua análise e caracterização. A perseguição a que os membros deste movimento estiveram sujeitos constituiu uma barreira na formação de uma confiança que permitisse dizer todos os segredos.

Por isso, as opiniões e a análise que vamos aqui fornecer são susceptíveis de serem completadas e enriquecidas.

II. Sobre a história e a origem do movimento

Como já referimos na parte introdutória, não existem trabalhos ou estudos aprofundados sobre o Ki-Yang-Yang. O único trabalho digno de menção é o de Joop T. V. M. de Jong, integrado numa obra mais ampla sobre a psiquiatria africana. No seu livro *A Descent into African Psychiatry* publicado em 1987, o psiquiatra holandês aborda a seita como um movimento renovador surgido no seio do povo, cuja origem remonta aos acontecimentos ocorridos na sociedade balanta numa época de turbulência, que se viu reflectida em duas crises. A primeira — que ocorreu nos inícios do nosso século, numa altura em que os Franceses tentavam «pacificar» a parte sul do Senegal — estava relacionada com uma vaga de acusações contra pessoas tidas por feiticeiras. Só em 1912 mais de um milhar de Balantas viram as suas vidas sacrificadas⁽¹⁾.

(¹) Mais detalhes in J. de Jong, *A Descent into African Psychiatry*, Royal Tropical Institute, Amsterdão, 1987.

A segunda crise teve lugar no início dos anos sessenta. Pairava igualmente uma onda de acusações contra determinadas pessoas que eram vistas como feiticeiras. Constituíram-se vários grupos de *Fieriapte* ⁽²⁾. Um destes *Fieriapte* ou *Nielande* foi conduzido por um *djambacós* ⁽³⁾, Kubai Na N'Satma, que tinha sob a sua dependência várias mulheres que andavam de aldeia em aldeia denunciando os feiticeiros que tinham causado a morte dos combatentes caídos na guerra de libertação. Os acusados eram presos e maltratados pelos quadros do Partido. Muitas destas vítimas conheceram a morte. No histórico I Congresso de Cassacá os criminosos envolvidos nesta prática foram julgados e alguns condenados à pena capital.

N'Tombikté, que na altura tinha quinze anos de idade, vivia numa dessas aldeias balantas. Vinte anos mais tarde foi ela a primeira a ser «chamada» pelo deus N'Ghala.

Segundo a lenda, o deus N'Ghala ordenou-lhe que mudasse o seu nome de N'Tombikté — que na língua balanta significa «*olhei e vi*» — para Ki-Yang-Yang (*sombra*).

Na altura das perseguições a aldeia de N'Tombikté fora destruída, o que obrigara a sua família a emigrar.

Anos mais tarde, depois do seu casamento e de acordo com a tradição balanta, N'Tombikté foi morar na aldeia do seu marido, Djiu de N'Fanda, situada a uns 10 km da capital provincial, Catió. Durante muitos anos N'Tombikté não procriou, e foi obrigada a fazer uma cerimónia na aldeia do pai.

Depois desta cerimónia regressou a Djiu de N'Fanda. Em Julho de 1983 N'Tombikté adoeceu e visitou por isso vários *irãs* ⁽⁴⁾, na tentativa de descobrir as causas da doença e encontrar remédios para a sua cura. Um ano mais tarde perdeu a sua única filha.

Foi neste período de profundas agitações que N'Tombikté foi «chamada» pelo deus N'Ghala a divulgar os seus preceitos, procurar raízes medicinais e curar doentes. N'Tombikté organizou então uma grande festa para anunciar a mensagem de N'Ghala.

Alguns meses mais tarde, quarenta mulheres mais alguns homens foram igualmente chamados por N'Ghala.

⁽²⁾ Grupo de mulheres que se organizam para, através de um ritual, descobrir as causas da doença de uma criança com vista a recuperar a sua alma de um feiticeiro.

⁽³⁾ Curandeiro.

⁽⁴⁾ Divindade e local sagrado onde se realizam cerimónias religiosas.

O seu chamamento foi idêntico ao de N'Tombikté. Associaram-se a esta e começaram a tratar os doentes que se lhes apresentavam. Grande parte das mulheres sofria de esterilidade. Rapidamente se propagou em Catió a notícia sobre este grupo de gente que vestia túnica branca, trazia chapéu branco à cabeça e uma faca na mão, sacudindo a cabeça de cima para baixo. E quando as autoridades locais se inteiraram da sua existência, tomaram imediatamente medidas de repressão, mandando prender os elementos mais influentes. As autoridades actuaram desta forma porque se dizia que os elementos da seita não queriam trabalhar, e presumia-se que ingeriam certos tipos de droga. Além disso, para muitos o Ki-Yang-Yang constituía um movimento subversivo do ponto de vista político. Este último juízo tem a ver com o facto de este movimento ter surgido no momento de uma relativa crise política. Num artigo publicado em *The New York Times*, James Brook sintetiza os motivos desta perseguição dizendo que o Ki-Yang-Yang despertou a atenção das autoridades locais quando começou a estender o seu domínio de actuação da medicina tradicional para a justiça tradicional, perseguindo feiticeiros e outras pessoas que supostamente tinham causado algum mal à aldeia⁽⁵⁾.

Com as medidas repressivas chega-se ao fim da fase inicial de um movimento que iremos definir como profético-messiânico.

Sobre as origens do fenómeno Ki-Yang-Yang, António Carreira foi de opinião de que elas deviam ser procuradas nas chamadas sociedades secretas que, segundo o mesmo estudioso, existiam na sociedade balanta nos anos cinquenta. Numa entrevista tida com A. Carreira meses antes da sua morte fomos informados de uma sociedade de aproximadamente seis pessoas que surgiu para velar pela pureza dos usos e costumes e pelo respeito das normas sociais. Este grupo secreto reunia-se na floresta e estava interdito aos restantes membros da sociedade.

A hipótese preconizada por A. Carreira só tem cabimento na medida em que o próprio movimento Ki-Yang-Yang, em determinadas formas da sua manifestação, também actua contra certos comportamentos julgados anti-sociais.

(5) *The New York Times*, 3 de Janeiro de 1988.

Durante a nossa investigação de terreno foi-nos dado constatar a intervenção de alguns membros da seita contra indivíduos que tinham transgredido as normas sociais. Mas, por outro lado, esta hipótese de A. Carreira é pouco convincente, dado que o próprio movimento Ki-Yang-Yang é acima de tudo um movimento contestatário; ele defende normas e atitudes que entram justamente em contradição com as regras sociais vigentes.

O Bispo de Bissau, Sr. Settimio Arturo Ferrazzetta, faz remontar a origem do movimento Ki-Yang-Yang à Luta Armada de Libertação Nacional. Como é do conhecimento geral, os Balantas foram os que mais facilmente aderiram à luta e os que naturalmente maior número de homens e mulheres ofereceram para a defesa da causa nacional.

Segundo A. Cabral⁽⁶⁾, a fácil adesão dos Balantas à Luta de Libertação Nacional deve-se essencialmente à forma como a sua sociedade se encontra organizada, isto é, na base da justiça e da igualdade social; uma sociedade completamente desprovida de estratificação e onde só o Conselho dos Velhos da tabanca ou de um conjunto de tabancas pode tomar decisões relativas à vida dessa sociedade, onde a terra é propriedade da aldeia, mas cada família recebe uma parcela necessária à sua subsistência. Os Balantas pertenciam assim ao grupo dos «sem-Estado», que resistiram muito mais do que os outros aos conquistadores colonialistas e foi no seu seio que o movimento de libertação nacional encontrou a maior prontidão em aderir à luta pela conquista da independência.

Muitos observadores e analistas políticos são da opinião de que este facto não foi devidamente reconhecido pelas forças políticas após a conquista da independência.

O reconhecimento insuficiente por parte do poder político deste engajamento dos Balantas teria assim provocado um sentimento de revolta nestes. Designamos este tipo de interpretação como *política*.

Sem querer pôr completamente de lado esta tentativa de interpretação — entre outras porque o momento político constitui sem dúvida um dos elementos integrantes do fenómeno em si, sobretudo se considerarmos o facto de este ter coincidido no tempo com o movimento golpista encabeçado pelo então 1.º Vice-Presidente do Conselho de Estado, Coronel Paulo Correia — quer-nos parecer que

(6) A. Cabral, *Obras escolhidas. A arma da teoria*, vol. I, pp. 101-107.

além desta interpretação política sobre a origem e a natureza do movimento há que considerar uma interpretação *sócio-cultural*.

Esta interpretação parte do pressuposto de que a sociedade e a cultura balantas, tal como todas as sociedades e culturas, estão sujeitas à influência de determinados valores que, em constelações especiais, resultam sobretudo da combinação de elementos da modernidade com elementos da tradição. Este processo de mutação conhece diversas fases, em que a preponderância de cada uma das componentes (modernidade e tradição) pode alternar.

Ora é sabido que durante toda a sua história recente os Balantas têm oferecido uma resistência sistemática a todas as influências externas, tendo por isso conservado mais ou menos intacta a sua cultura.

Porém, tudo indica que os processos de transformação por que passou a sociedade guineense nos últimos quinze anos — referimo-nos às dificuldades económicas e aos problemas políticos — obrigou a que os indivíduos e grupos de indivíduos tentassem adaptar-se à situação de crise. Quer-nos parecer que os Balantas tentaram fazê-lo colectivamente.

Muitos dos nossos interlocutores declararam que a sociedade balanta era uma sociedade atrasada e que muitos dos seus aspectos deviam ser combatidos e substituídos por elementos mais progressistas. Um dos membros do movimento Ki-Yang-Yang declarou por exemplo que os Balantas deviam aprender a ler e a escrever, assim como deviam deixar de utilizar a faca nos seus conflitos. Ora, é do conhecimento geral que os conflitos surgidos nas grandes cerimónias religiosas são muitas das vezes resolvidos com a utilização de arma branca. Este comportamento, que na maioria das vezes é condicionado por um consumo exagerado de bebidas alcoólicas, provoca frequentemente mortes^(?). Por isso os adeptos do Ki-Yang-Yang pensam que podem eliminar ou isolar a fonte de conflitos acabando com algumas cerimónias, diminuindo o consumo de álcool

(?) Roy van der Drift considera que o álcool desempenha um papel central nas trocas sociais, nas cerimónias e rituais, na manutenção das amizades e das relações familiares e na mobilização de mão-de-obra. Para mais pormenores sobre o assunto, ver Roy van der Drift, «O desenvolvimento da produção e do consumo de álcool entre os Balanta Brassa da aldeia de Foia, no Sul da Guiné-Bissau», artigo preparado para *Soronda — Revista de Estudos Guineenses*, n.º 9, INEP, Bissau, 1990.

e proibindo o sacrifício de muitas cabeças de gado durante as cerimônias. Por outro lado os Balantas tornaram-se conhecidos pela sua recusa ao sistema moderno de ensino, que eles identificavam com dominação colonial. Tendo porém constatado as vantagens que advêm da alfabetização, nomeadamente em termos de participação no exercício do poder, alguns membros deste grupo começaram a ter uma posição diferente em relação à educação formal. Não é raro ouvir os membros do Ki-Yang-Yang recomendarem a frequência do ensino oficial.

Resumindo, pode-se dizer que o mesmo «conservadorismo» que durante muito tempo permitiu aos Balantas defenderem-se de qualquer influência que pudesse pôr em causa o funcionamento normal e harmonioso da sociedade, passou a constituir um entrave à sua participação plena no destino do país. A cultura balanta, que historicamente se revelou como «resistente», precisa assim —segundo os próprios Balantas— de uma transformação, para poder adaptar-se às exigências dos tempos modernos.

Por isso defendemos o ponto de vista de que o Ki-Yang-Yang é antes e acima de tudo a incorporação de um amplo movimento de renovação cultural. As normas sociais que se pretendem propagar sob a forma de mandamentos do deus N'Ghala constituem não só uma forma de contestação à gerontocracia a nível da sociedade balanta e eventualmente ao poder do Estado, mas são, em primeiro lugar, a expressão de uma mudança de hábitos culturais sustentada por uma mudança das práticas religiosas. Qualquer destas mudanças resulta da dinâmica interna da sociedade balanta, embora apresentem elementos de influência cristã e muçulmana.

Nesta parte do nosso trabalho queremos reproduzir a história que nos foi contada por Biankeia, um dos membros da seita, sobre a maneira como ela recebeu a mensagem de N'Ghala e sobre aquilo que o Ki-Yang-Yang representa para os Balantas. Vamos reproduzir na íntegra a exposição desta mulher, na medida em que ela faz uma caracterização bastante sucinta do que consideramos a essência do fenómeno.

Esta entrevista foi concedida ao investigador Mário Bedamone Nacia em Janeiro de 1986 na cidade de Catió, em língua balanta.

III. A história de Biankeia ou a essência do Ki-Yang- -Yang

A tradução é da autoria do investigador. Porém, para facilitar a compreensão da exposição, resolvemos dividi-la em diversas partes, de acordo com os assuntos abordados.

1. O primeiro contacto de Biankeia com N'Ghala

«Foi em Fevereiro, quase no fim da manhã, quando comecei a sentir o meu corpo transtornado, a minha cabeça muito leve. Quer dizer, os meus pensamentos quase me fugiam.

Parecia uma pessoa que não podia controlar-se. Os meus pés começavam a ficar suspensos da terra. Ao ver como estava bastante agitada, o meu marido correu logo a buscar aguardente de cana para me acalmar julgando que se tratava da doença do meu pai. Isso não teve êxito porque N'Ghala fez-me recusar a aguardente. Estava de tal forma emocionada que saí a correr para a morança dos tios da minha mãe, situada a uns 100 metros da morança onde vivo com o meu marido.

Nessa morança estava-se a festejar um casamento e havia muita gente. Quando lá cheguei, pouco tempo depois, comecei a ver um mundo diferente. Vi muitas coisas que nunca tinha visto. Parecia uma criança. Foi ali que eu falei contra as mulheres que utilizavam o feitiço para impedir que a noiva (mulher recém-casada) tenha filhos. Tinha uma força superior à delas. Com as outras mulheres que dão conselhos às recém-casadas não ralhei, pois entre nós só havia amizade e entendimento. Disse-lhes que aqueles que praticarem o mal não poderão estar no mesmo caminho que nós e que o N'Ghala ordenou que fossemos um só povo, unidos e vivendo na irmandade. Foi neste mesmo dia que eu tive a visão de que o João devia fazer uma cerimónia no *Irã* de Cabelol, em renovação àquilo que ele tinha dito ao *Irã* durante o tempo da Luta. Vi ainda que a nossa terra está cheia de minérios. Foi assim que começou em mim este anúncio de N'Ghala».

2. O Ki-Yang-Yang e o tratamento de doenças

«Por enquanto, tudo quanto faço, por exemplo rezar, destruir o *Irã*, utilizar um determinado tipo de medicamento no tratamento da doença de uma pessoa, é N'Ghala que me ordena fazê-lo. Estou aqui para cumprir a vontade de N'Ghala, nada mais. No entanto, tenho muitas dificuldades, visto que alguns elementos

do Comité de Tabanca⁽⁸⁾ destruíram o meu *fram*, local onde rezo e recebo anúncios de um mau acontecimento, como por exemplo o caso de uma morte, um mau ano agrícola, etc. Contudo, já curei muitas pessoas. Vês este camarada que chegou aqui quase morto. Agora está bem de saúde. É melhor seres tu a falar com ele. Podes ... podes falar com ele.

Outro camarada que curei foi a T., mulher de um empregado dos Armazéns do Povo de Catió. Ela sofria de uma hemorragia vaginal e esteve internada no hospital de Catió até à data da alta, sem que estivesse totalmente bem, segundo a sua própria afirmação. Então veio pedir-me para lhe curar. Depois de uma breve observação, constatei que ela padecia efectivamente e preparei logo o medicamento que ela tomou. Ela encontra-se agora curada, e até pode pilar arroz, pescar, cozinhar, buscar água no poço, trabalhos que ela antes não podia fazer.

Para além destes curei também Sumba Nablata, um menino do Ilhéu de Cote, que andava inchado com um tipo de diarreia azul. Curei a N'Bultandé.

Camarada, estes tratamentos que faço às pessoas trouxeram-me muitos problemas. Quando fui detida pelo polícia o Dr. M. e mais alguns elementos da polícia insultaram-me dizendo que as pessoas não vão ao hospital por causa da porcaria que faço. Viu como é que é? No entanto N'Ghala me mandou fazer bem, portanto, amizade, bom entendimento e curar as pessoas. Por isso o meu trabalho nunca foi contra o nosso Estado nem Nino, pois este é um irmão. Se tu vires uma pessoa praticando ódio, fazendo mal a alguém, certamente não é do meu caminho. Existem naturalmente algumas pessoas que estão contra o que faço. Outras, julgo a maioria, estão de acordo com o meu trabalho. Portanto, penso que se me deixarem livremente, num período de dois anos vocês verão os grandes sucessos que eu vou ter.»

3. O Ki-Yang-Yang e o Irã

«Falando agora do *Irã*, ele constitui um atraso para nós os Balantas — Não sabes porquê?

O *Irã* é um grande atraso; vê só quando um menino, uma mulher ou um homem estão doentes. Primeiro de tudo o homem-grande vai ao *djambacós* para

(8) Trata-se de uma estrutura político-administrativa a nível da aldeia.

saber o que o fulano ou a fulana tem. Quando for sabido o mal de que padece o indivíduo, então faz-se a cerimónia ao *lrã*, sacrificando-lhe uma galinha, cabra ou porco, como pessoa digna para resgatar esse mal do indivíduo. Faça-te saber que o *lrã*, depois disso, pode pedir para que lhe seja sacrificada uma vaca. N'Ghala nos mostrou que isso é um grande mal, porque todo o curriculum leva muito tempo e a doença não espera, antes pelo contrário continua a progredir no corpo do indivíduo, e por fim acaba por morrer.

O doente podia ir tratar-se simplesmente no hospital ou aqui connosco. N'Ghala mostrou-nos também que o *lrã* não pode fazer nada, ele veio apenas para nos explorar. Por isso, eu e demais colegas destruimo-lo, queimámo-lo. Não o tememos porque N'Ghala deu-nos uma força maior do que a dele. O *lrã* colabora com os feiticeiros. Portanto o meu trabalho e dos demais colegas é de lutar contra o mal na sociedade balanta. Por esta razão lutamos contra o sistema de choro antigo que implicava sacrificar muitas vacas e fazer divisões de carne pelas diferentes linhagens. Estamos contra o *Finan-á*, a comida mal preparada com cacre (tipo de crustáceo). Por outro lado curamos todas as pessoas, tratamos todas as crianças que andam doentes, apoiamos que todas as crianças vão à escola, queremos que o actual choro se realize em forma de esmola, sacrificando apenas uma vaca. Queremos que cada indivíduo construa uma melhor casa e a mantenha limpa. Queremos que as pessoas matem as vacas para comprar bicicletas ou carros se possível, mudar constantemente a roupa em vez de guardá-la apenas para as ocasiões de festa. Queremos que cada um se alimente bem para ter força e boa saúde. Queremos ter apoios no melhoramento das nossas bolanhas para podermos ter grande quantidade de arroz como antigamente. Queremos que cada jovem possa escolher livremente o seu marido e usar roupa branca no momento de rezar. Este é o trabalho que N'Ghala nos mandou fazer, porque todos somos irmãos.»

4. O que é o Ki-Yang-Yang

«Quanto ao problema de nomes de Ki-Yang-Yang e Adama Baió, respectivamente nomes de N'Tombikté e meu, Biankeia Nansanca, são nomes que o deus N'Ghala nos deu. Não foi o Estado ou outra pessoa que nos atribuiu esses nomes.

Ki-Yang-Yang foi o nome posto a N'Tombikté para que as pessoas pudessem perceber rapidamente este fenómeno. Em balanta Ki-Yang-Yang significa sombra, portanto aqui ele substitui a alma da pessoa. A alma de N'Tombikté é o seu Ki-Yang-Yang, que efectivamente possui uma capacidade e rapidez de ver um facto a longa distância. Portanto, mesmo que eu esteja aqui em minha tabanca⁽⁹⁾, no dia em que N'Ghala o ordenar, o meu Ki-Yang-Yang vê tudo, mesmo daqui a Mansoa, Nhacra ou outra parte da Guiné-Bissau. Se os feiticeiros ou Irã incarnam uma pessoa para a matar vejo-os logo, esteja onde estiver.

Um balanta percebe o significado deste Ki-Yang-Yang facilmente. A mim N'Ghala pôs o nome de Adama Baió, o que não significa outra coisa senão um nome apenas.»

5. Anúncio de N'Ghala

«O anúncio de N'Ghala a um indivíduo não é feito de qualquer maneira. Primeiro a pessoa sofre, reage de várias formas; até pode ficar um dia sem comer, sem falar e andar de uma ponta à outra. O período de anúncio é variável. Há uns que passam quase um mês para depois se normalizarem e outros conseguem-no em menos tempo. Ki-Yang-Yang afectará a todos os grupos étnicos da nossa terra que bebem vinho, começando por nós os Balantas, mais atrasados, e posteriormente os Bijagós, Papéis, Manjacos e Man-canhas. Isto é uma coisa que acontecerá de certeza. Há dias um camarada veio explicar-me que uma mulher papel de Catungo teve anúncio do Ki-Yang-Yang.»

As observações de terreno e as entrevistas tidas com vários elementos do Ki-Yang-Yang levam-nos a afirmar que os depoimentos prestados por Biankeia não só reflectem as vivências, as experiências e as concepções pessoais de um membro do movimento, mas ao mesmo tempo a essência e as diferentes formas de manifestação do fenómeno.

Embora tivesse tido o seu início no Sul do país, o fenómeno Ki-Yang-Yang alastrou-se rapidamente por todo o país. Segundo Joop de Jong, até Janeiro de 1986, 1000 indivíduos dos 200.000 pertencentes à etnia balanta

IV. Conclusão

(9) Refere-se à tabanca de Sua, nos subúrbios de Catió.

tinham já abraçado o movimento⁽¹⁰⁾. Em algumas ideias do Sul do país este chegou a atingir 16% da população feminina.

Também na capital, Bissau, houve muita gente que aderiu ao movimento. Em alguns bairros da capital como Pluba e Luanda as autoridades tiveram que fazer uso de medidas punitivas para evitar um alastramento epidémico do fenómeno.

Na sua edição de 3 de Janeiro de 1988, *The New York Times* falava de um tal Aquilino Mudama, um membro da seita Ki-Yang-Yang que desenvolvia práticas mágicas combinadas com a terapia de certas doenças tratadas com ervas e raízes tradicionais.

No Norte do país foi-nos dado constatar a concentração periódica de um grande número de jovens que vinham de aldeias diversas para proceder a uma espécie de missa. Por outro lado, todas as pessoas entrevistadas consideravam-se membros de uma seita religiosa, cujos princípios se podem resumir da seguinte maneira:

1. É proibido comer carne de porco;
2. É proibido beber bebidas alcoólicas;
3. É proibido cobiçar mulheres alheias;
4. É interdito o uso de vestuário de cor vermelha;
5. É proibida a resolução de conflitos através da utilização da força;
6. É proibido usar amuletos ou objectos idênticos;
7. Não é permitido sacrificar muitas cabeças de gado nas cerimónias fúnebres;
8. Deve-se destruir todos os símbolos do Irã;
9. Deve-se lutar contra todas as práticas animo-feitistas;
10. Deve-se enviar todas as crianças à escola;
11. Deve-se acabar com o roubo institucionalizado;
12. É proibido o casamento forçado.

Estes princípios mostram claramente que o movimento Ki-Yang-Yang é dirigido contra os usos e costumes dos Balantas, que os membros da seita consideram ultrapassados e descabidos para a época em que vivemos. Ele insurge-se essencialmente contra as práticas religiosas desta etnia, por isso queremos encará-lo como um

(¹⁰) Ver Joop de Jong, *op. cit.*, p. 82.

movimento de cariz essencialmente cultural e religioso. O Ki-Yang-Yang é comparável ao Lassismo, movimento profético-messiânico surgido no Congo nos anos quarenta e cujo fundador e líder foi Simon Zephirin Lassi. Tal como o Ki-Yang-Yang, este movimento tinha declarado guerra às diferentes formas de manifestação do feiticismo e postulava os seguintes princípios:

1. Não mentir, não roubar nem matar;
2. Não praticar o adultério;
3. Não praticar a poligamia;
4. Não fumar nem beber bebidas alcoólicas;
5. Não comer carne de porco;
6. Não representar Deus por imagens ou feitiços.

257

Todos estes princípios encontram-se incorporados nos «mandamentos» do Ki-Yang-Yang. O que distingue este movimento de outros movimentos messiânicos é o facto de ele constituir ao mesmo tempo um movimento que se insurge contra certos valores culturais da sociedade tradicional donde emerge e estar assim essencialmente voltado para uma transformação desta mesma sociedade e menos para uma contestação da sociedade no seu todo. Em vez de ser um movimento dirigido contra a modernidade, ele desenvolve-se como um movimento que assimila certos valores da modernidade para os incorporar na sociedade «tradicional». Neste sentido teria todo o cabimento considerar o Ki-Yang-Yang como um movimento renovador religioso e talvez uma incorporação da transição de um tipo de religião (a animista) para um novo tipo. Seja como for, o Ki-Yang-Yang, tal como ele se desenvolveu na aldeia de N'Tchan, não deixa de constituir um exemplo vivo de um novo tipo de sincretismo religioso, isto é, uma combinação de elementos animistas, cristãos e muçulmanos.

No Norte do país, onde os adeptos desta seita parecem ter escapado à perseguição das autoridades, este movimento conheceu um desenvolvimento relativamente rápido, e a existência de um ritual, de um líder e de determinados preceitos que os membros da seita seguem livremente apontam para a constituição de um movimento de carácter essencialmente religioso.

Por isso o fenómeno Ki-Yang-Yang continua a constituir um desafio para as Ciências Sociais na Guiné-Bissau.

Só um estudo sistemático e aturado permitirá penetrar no cerne deste fenómeno e compreender deste modo as suas origens e as suas diferentes formas de manifestação. ■